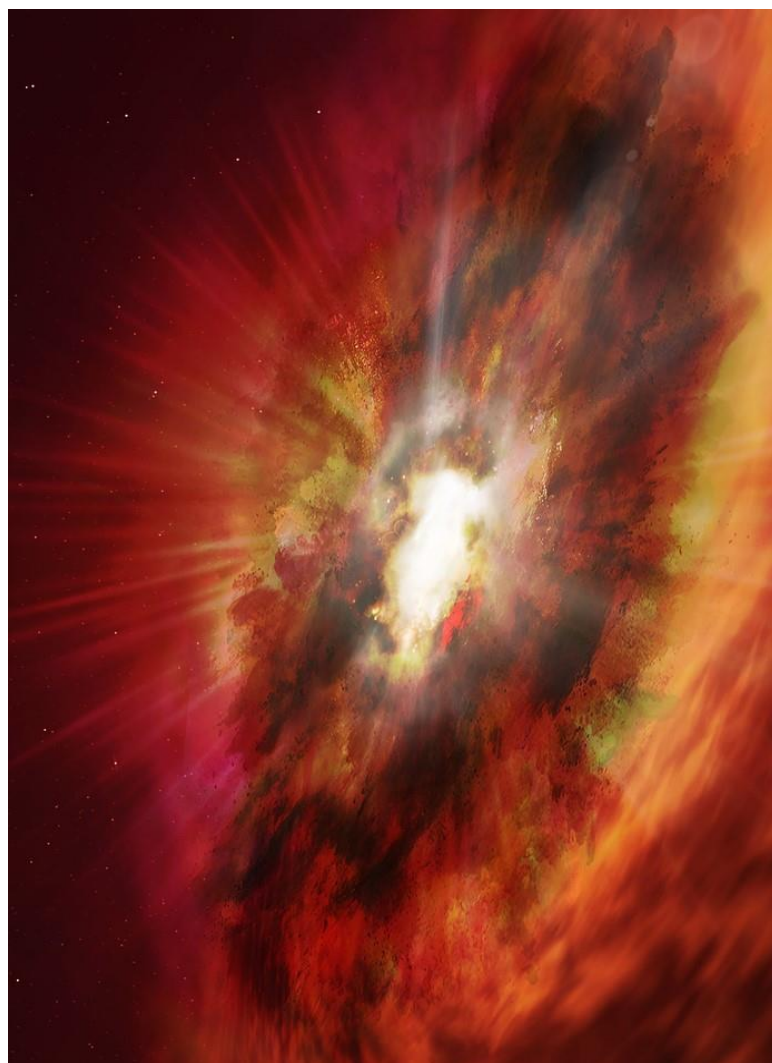


# **Pindorama**

**REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA**  
**UM PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS**

**Vol. 1, Nº 3/2024**



**Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil**



# **Pindorama**

**REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA**

**UMA PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS**

**Vol. 1, Nº 3/ 2024**

**ISSN 2966-2974**

**Porto Alegre – Rio Grande do Sul – Brasil**

## Expediente

### Dados da Publicação

*Pindorama – Revista Brasileira de Literatura* é uma publicação periódica editada sob responsabilidade da *Academia Brigadiana de Letras – ABRIL*, entidade cultural com sede em Porto Alegre – Estado do Rio Grande do Sul – Brasil, registrada no 1º RCPJ de Porto Alegre sob nº 58.083 e inscrita no CNPJ sob o nº 09.466.484/0001-33, em versão impressa e via *e-mail*, tendo periodicidade trimestral.

### Conselho Editorial

Alberto Afonso Landa Camargo  
Ubirajara Anchieta Rodrigues  
Moisés Silveira de Menezes  
Carlos Vieira Nogueira  
Jerônimo Carlos Santos Braga  
Pércio Brasil Álvares

### Diretor de Redação

Pércio Brasil Álvares

Vol. 1, Nº 3/ 2024

### ISSN 2966-2974

Porto Alegre – RS – Brasil  
Periodicidade trimestral.

Distribuição dirigida e gratuita.

Solicitamos permuta.

*Pidese canje.*

*We request exchange.*

Copyright © 2024

**Academia Brigadiana de Letras – ABRIL**

### Endereço:

Av. Cristiano Fischer nº 1331 – Bairro Jardim do Salso – CEP 91410-001 – Porto Alegre – RS – Brasil.

### e-mail:

contato.secretaria.abril@gmail.com

*Printed in Brazil.*

# Apresentação

Chegamos ao exemplar nº 3 de nossa *Revista Pindorama*, persistindo na ideia de publicar uma *revista brasileira de literatura* que ofereça matéria de qualidade a quem aprecia literatura. E o esforço dos leitores é somente o de aproveitar esse produto que lhes está sendo oferecido de forma totalmente gratuita por meio do trabalho e do esforço editorial empreendido por nossa Academia.

Aliás, é bastante conveniente que aproveitemos este momento para orientar nossos leitores e todos aqueles que se interessarem por nossa revista que basta enviar um e-mail para o endereço eletrônico [contato.secretaria.abril@gmail.com](mailto:contato.secretaria.abril@gmail.com) colocando no assunto da mensagem a expressão “QUERO RECEBER PINDORAMA” e, prontamente, o assinante passará a receber gratuitamente a Revista por meio do seu e-mail pessoal, que ficará cadastrado.

Resolvemos inovar neste nº 3/2024, divulgando, também, o trabalho de criação literária de integrantes de academias de letras de outros Estados brasileiros, ampliando o conagraçamento que já mantemos com as agremiações coirmãs, como forma de motivação ao segmento dos militares estaduais, oportunizando a divulgação da produção literária de qualidade que realizamos e que podemos oferecer a todo o país.

Também procuramos homenagear autores que já não mais estão entre nós, mas que deixaram sua obra literária para deleite dos leitores, numa comunicação que continua vívida, o que constitui uma forma singela de lembrar que é através de sua obra que um autor atinge a tão propalada *imortalidade* como escritor.

Por outro lado, conclamamos a todos os acadêmicos da ABRIL, assim como a todos os intelectuais e escritores de nosso segmento institucional, para que continuem produzindo e colaborando com nossa revista, para que o ritmo crescente de sucesso literário que nossa linha editorial vem obtendo, seja mantido, fazendo do periódico um meio de ampliar o destaque que a literatura produzida em nosso meio está fazendo por merecer.

Aproveitemos, portanto, ao máximo, o que a *Revista Pindorama* está realizando em prol da literatura brasileira e desfrutemos do prazer da boa leitura que nos tem proporcionado a cada número publicado.

**Alberto Afonso Landa Camargo**

Presidente da ABRIL



# Sumário

Expediente .....	4
Apresentação .....	5
Sumário .....	7
<b>1. Prosa .....</b>	<b>9</b>
1.1 <i>Renascer no domingo</i> (mini conto) .....	11
1.2 <i>San José de Itaquaty</i> (resenha) .....	12
1.3 <i>Quintiliano José de Moura</i> (biografia) .....	17
1.4 <i>A licença do Içaltino</i> (causo) .....	25
1.5 <i>As BETs no Brasil</i> (crônica) .....	27
<b>2. Poesia .....</b>	<b>29</b>
2.1 <i>Voragem</i> .....	31
2.2 <i>O estado de poesia</i> .....	31
2.3 <i>A existência possível</i> .....	32
2.4 <i>Enquanto o corpo vida finge ao mundo</i> .....	33
2.5 <i>O medo que engole a paz</i> .....	37
2.6 <i>Pixels da solidão</i> .....	39
2.7 <i>Enquanto a chuva não vem...</i> .....	40
2.8 <i>Falando com as fotografias</i> .....	42
2.9 <i>Coração rendado</i> .....	43
2.10 <i>Eco farroupilha</i> .....	44
<b>3. Notícias .....</b>	<b>49</b>
3.1 <i>Posse de nova diretoria da ALMEBRAS</i> .....	51



# Prosa



## RENASCER NO DOMINGO

Carlos V. Nogueira<sup>1</sup>

São seis e meia da manhã, ouve-se corruíras, canários e bem-te-vis. o sabiá está a cantar desde as três e meia. Agora silenciou por momentos, provavelmente esteja fazendo amor ou, ainda está nas preliminares, bicando suavemente embaixo da asa da sabiá, alcançando a minhoquinha no biquinho dela, esfregando o pescoço e enrodilhando-se com as penas entrelaçadas, com o coração acelerado; ela o recebe cheia de amor e vontades, ele reteso e em completo desvario.

No ninho revoltado e aconchegante cheio de odores do desejo, em desajeitada procura e de certa acoplagem; seguem-se os movimentos sem comandos e sem consciência inicial depois vem os acompanhamentos os incontidos sussurros, imitando os humanos, gemidos e gritos sem limites, variantes e penetrações e carícias outras, autorizadas, ardidadas, desmesuradas, molhadas, repetidas, aumentadas, aceleradas, contidas, prolongadas, e mais querendo mais.

Então, o sabiá fica inerte ouve os outros pássaros, oado, busca respirar, toques de violinos, trombetas, assovios de aragens... e sente e sente... abraços, encosto de regaços, líquidos grudentos, descomposturas, toques e mais toques, lambuzos, buscas, misturas nas penas untadas nos desavergonhamentos, tudo colorido com cores de rosas e cheiros de flores do campo polinizando no ar gerando amores.

Bem, assim começa o domingo, renascido lembrando que a vida é delícia e partida, é dormir, sonhar e acordar, é sentir a sensação que tudo é real. É morrer aos poucos completo de amor e reviver ansiando um novo despertar. É quedar-se nulo esvaído e refazer-se em toques sutis, é *replugar* a mente com as entranhas, é renascer toda hora e querer recomeçar, sem se importar com o que pode mudar.

---

<sup>1</sup> Coronel Veterano da Brigada Militar do RS, poeta e escritor, membro da Academia Brigadiana da Letras.

# **SAN JOSÉ DE ITAQUATY**

## **ESTÂNCIA DE SÃO PEDRO DO SUL DA SERRA**

### **SÃO PEDRO DO SUL<sup>2</sup>**

*Moisés Silveira de Menezes<sup>3</sup>*

A expressão “missioneiro” é utilizada para designar quem nasce ou vive nas localidades popularmente conhecidas como Sete Povos, pertencentes às antigas Missões Orientais do Uruguai sem, no entanto, imaginar que esse território abrangia extensas áreas de terra entre os rios Jacuí e Ibicuí, Ijuí, Uruguai, e outros, basicamente da atual BR 290 até o Rio Uruguai, onde existem várias cidades de origem missionária, quer pela figuração na Primeira Fase das Reduções, quer como integrante da Segunda Fase, retorno dos jesuítas, a consequente fundação dos Sete Povos e a construção de suas grandes estâncias agropastoris.

O Dicionário Michaelis assim descreve Missionário: adj. (lat. *missione+eiro*). Que diz respeito a missões. Adj.+s.m. Designativo do habitante, indígena ou natural das regiões onde se estabeleceram as antigas missões jesuíticas. Assim temos uma definição ampla, que com um mínimo conhecimento de história, estende o vocábulo às regiões e habitantes ou naturais de cidades como: Santa Maria, São Pedro do Sul, Quevedos, Toropi, Jari, Joia, Ijuí, Tupanciretã, São Martinho da Serra, Júlio de Castilhos, municípios da Quarta Colônia, Passo Fundos e outras, pois, comprovado está que toda essa região compreendida entre a margem esquerda do Uruguai os rios Ibicuí, Jacuí, Piratini fazia parte do território paraguaio até 1801 como integrante da Província Jesuítica do Paraguai.

---

<sup>2</sup> A seguir é apresentado o texto do prólogo do livro *San José de Itaquaty, estância de São Pedro do Sul da Serra: São Pedro do Sul*, que acaba de ser publicado em Santa Maria pela editora *Rio das Letras* e será lançado na Feira do Livro de 2024 em Porto Alegre. É um livro rico em informações que ajuda o leitor a desbravar e entender o complexo tema que envolve as *missões jesuíticas* do RS no contexto da obra de evangelização levada a efeito pela *Companhia de Jesus* nas terras conquistadas por Portugal e Espanha no *Novo Mundo* e que deu surgimento à formação de um verdadeiro *Estado Teocrático* em plena ibero-américa dos séculos XVI e XVII, incrustado entre os domínios de Espanha e Portugal, que tiveram de se unir para retomar o controle sobre seus domínios, gerando, por consequência a chamada *Guerra Guaranítica* que se estabeleceu em razão da questão demarcatória da fronteira entre as duas potências coloniais e o inconformismo dos indígenas guaranis (insuflados pelos padres de batina preta) que alegavam que o domínio do território pertencia ao povo autóctone da região. (Nota do Editor).

<sup>3</sup> Coronel Veterano da Brigada Militar do RS, poeta, escritor e pesquisador. Membro da Academia Brigadiana de Letras (ABRIL-RS). (Nota do Editor).

Esse trabalho pretende enfocar e delinear a face missioneira de São Pedro do Sul<sup>4</sup>, que durante a Primeira Fase teve seus habitantes primitivos influenciados e participantes da Redução de San José de Itaquaty, cuja localização corresponde à atual Pedra Grande. Na volta dos jesuítas e guaranis para a fundação dos Sete Povos, ou seja, na Segunda Fase Missioneira, as terras do município passaram a fazer parte da Redução de São Miguel, sob o nome de Estância de São Pedro do Sul da Serra.

Essa denominação “Sul da Serra” foi adotada especialmente para diferenciar da estância de São Pedro Tujá (Durasnal de São Martinho a Tupanciretã), pertencente ao Povo de São Lourenço.

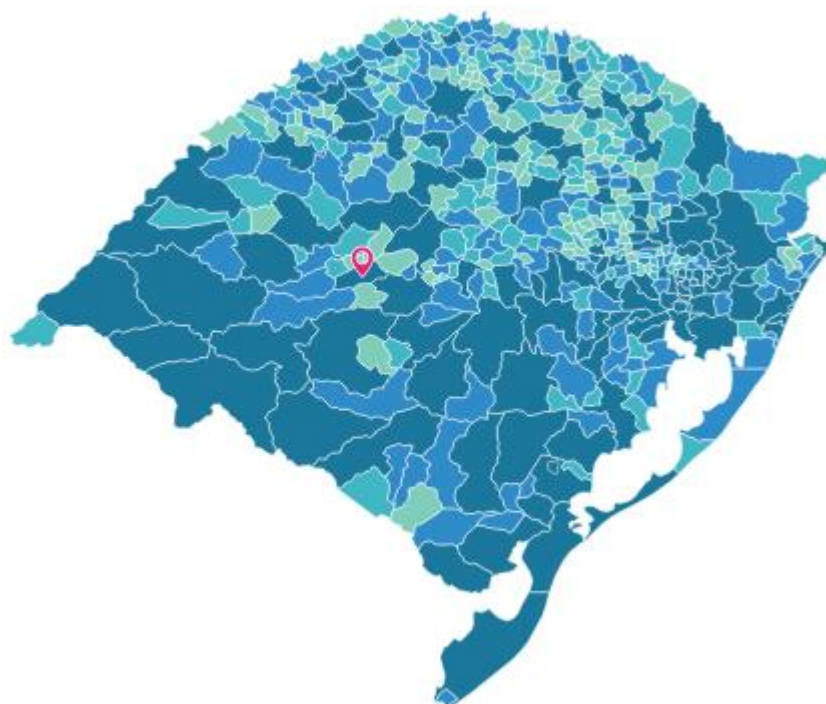


Figura 1 - Localização do município de São Pedro do Sul no mapa do RS.

Em relação à Primeira Fase Missioneira<sup>5</sup> sempre que pretendermos localizar uma das reduções devemos levar em conta a quase impossibilidade atual de estabelecermos uma localização exata em razão das informações confusas e por vezes contraditórias das fontes da época, por isso necessário se faz termos sempre em mente o que nos diz Alvear:

---

<sup>4</sup> Ver Figura 1. (Nota do Editor).

<sup>5</sup> A chamada *Primeira Fase Missioneira* corresponde a um período de 11 anos (1626-1637), quando foram fundadas 18 reduções no território atual do Rio Grande do Sul (então denominado Tape) até que, depois da Batalha de M'bororé, travada em 1641 entre os índios Guarani e os Bandeirantes (portugueses) vindos de São Paulo, os missionários jesuítas (espanhóis) resolveram retrair-se para a margem oposta (banda ocidental) do Rio Uruguai (hoje Argentina), só retornando à banda oriental quarenta anos depois, em 1682, para fundarem os Sete Povos das Missões, o que constitui a chamada *Segunda Fase Missioneira* (1682-1756). (Nota do Editor).

*“Los autores jesuítas, y otros que hemos consultado para formar este resumen, se explican de diversa suerte y confusamente, así sobre los sitios em que fundaron estos pueblos, como sobre su número y denominación, dando a vários de ellos la misma. Los planos antiguos están sembrados de reducciones, las más de ellas destruídas. Em el día es muy difícil, si no digo imposible, la investigación exacta de su origen, mayormente habiéndose recogido y reservado los protocolos y archivos de los padres. Por esta razón nos hemos reducido a lo que hemos encontrado de más certo, colocando las que hemos nombrado, que son las existentes, com arreglo a la data de su erección; y suponemos que si hubo más doctrina, como es problabe, fueron todas envueltas em los desastres de las malocas de los portugueses.”*

Para que se entenda os acontecimentos do extremo sul do continente americano é fundamental sabermos que Portugal e Espanha sempre estiveram muito próximos não só geograficamente, mas como afirma Pinto o pragmático de Castela e Portugal, que antecederam a descoberta da América, estava sintetizado na figura do descendente em comum das casas reinantes na Ibéria.

Quando os reis católicos Fernando e Isabel chamaram de Espanha o território que retomaram dos mouros, D. João II de Portugal protestou, pois o nome Espanha era comum a toda Ibéria, no entanto não aprofundou sua queixa ao antever uma provável união dos dois reinos e uma série de casamentos foram idealizados nessa tentativa, conforme Pinto:

*“O rei D. João II (1455-1495) quase lograra estabelecer essa união com o casamento de Dom Afonso com a Princesa Isabel de Castela – frustrado pela súbita morte do príncipe português. A celebração do casamento dos príncipes, em 1490, havia sido um acontecimento comemorado com fausto para assinalar o poder que futuramente teria a Península Ibérica com a união das duas coroas.*

*Mas a tragédia que vitimou o infante Dom Afonso, em 13 de agosto de 1491, e o retorno da princesa viúva para a Espanha iriam postergar por 90 anos a união, que se consumaria em 1580, com o Rei Filipe (I e II). A firme decisão das casas reinantes em Portugal e Castela de estabelecer uma união dinástica repetiu-se em 1497, quando a Princesa Isabel – viúva do infante Dom Afonso – casou-se em segundas núpcias com Dom Manuel I, sobrinho e herdeiro de Dom João II.*

*O destino mais uma vez conspirou contra os propósitos reais dos ibéricos. A princesa de Castela faleceria de parto e o infante Dom Miguel – herdeiro presuntivo de ambas as coroas morreria em 19 de julho de 1500, com apenas 22 meses de idade.*

*Os contratemplos, entretanto, não abalariam o Rei Dom Manuel I – o Venturoso e seus sogros Fernando de Aragão e Isabel de Castela. Um segundo casamento do rei português com outra filha dos reis católicos – Dona Maria – ainda poderia garantir a futura unificação das coroas.*

*El-Rei Dom João III, filho e herdeiro de Dom Manuel intensificou o propósito avoengo ao receber Portugal no seu auge imperial (1522) e casar-se com sua prima, a infanta espanhola (1525) Dona Catarina irmã do imperador Carlos V.*

*Essa interligação familiar estava ainda mais fortalecida, já que o imperador Carlos V estava casado com Dona Isabel, irmã do Rei Português, e a ela se*

somavam as alianças na nobreza e mesmo na população de Madrid e Lisboa, através de casamentos que ocorriam com mais frequência que os verificados nas demais cidades da Ibéria.

*Foram esses próprios soberanos, parentes de sangue e cunhados duplamente, os criadores das bases de ocupação da bacia do Prata e da conseqüente questão platina onde os primeiros protagonistas foram, entre outros: Juan de Solis, Alejo e Diego Garcia, Sebastian Gaboto, Pero Lopes, Martin Afonso de Souza e o adelantado Pedro de Mendoza, que recebera a maior capitulação outorgada pelo imperador Carlos V, a base e o coração da atual Argentina.*

*Dom Sebastião, nascido em 1554, neto e herdeiro de Dom João III – filho do Príncipe Dom João e de Dona Joana, sua tia a prima, filha do Imperador Carlos V – começou a reinar com pouco mais de três anos de idade, através de tutores, procuradores e regentes. Recebeu o reino de Portugal em 11 de junho de 1557, quando seu tio e primo Filipe já recebera o governo de Nápoles e Sicília (1554), os Países-Baixos (1555) e a coroa da Espanha (1556).”*

Dom Sebastião aos 24 anos, antes de casar-se com uma prima, lançou-se em uma cruzada contra Muley-Moluc, em busca de glória e de ampliar os limites da cristandade. Foi morto na batalha de Alcácer-Kibir e não tendo deixado herdeiros, coube o trono de Portugal à Filipe de Espanha, depois de uma disputa com o cardeal Dom Henrique. Unidas estavam as coroas ibéricas por um período que iria durar 60 anos e que muito influenciaria os acontecimentos na América e por conseguinte nas Missões.

Uma sucessão de casamentos na Europa para unir dois reinos e suas vastíssimas possessões, alguns desses arranjos nupciais, frustrados por imprevistos e outros levados a bom termo. Um sem-fim de tratados para definir a posse das terras conquistadas. Um tratado impreciso, Tordesilhas, um tratado para definir as imprecisões daquele, pois não seria cumprido, e outros tratados para fazer valer o que não fora cumprido e algum outro para desfazer aquilo que não estava sendo feito. Nesse cenário os índios e Jesuítas tentavam dar vida a um dos mais revolucionários processos colonizatórios que o mundo já viu, entre a cruz e a espada, guiando um povo que buscava e sonhava com a terra sem males de seus antepassados. Essa crença e busca pela Terra Sem Males acabou coincidindo com o Paraíso, ou o Éden dos cristãos e talvez esteja nesse ponto um dos fatores da durabilidade e sucesso do empreendimento jesuítico.

Conforme Litaiff:

*“O lugar chama-se Yvy marã ei (a “terra sem males”). Aí as plantas nascem por si próprias, a mandioca já vem transformada em farinha e a caça chega morta aos pés dos caçadores. As pessoas nesse lugar não envelhecem e nem morrem: aí não há sofrimento! As migrações dos Guarani Mbyá, em direção ao mar, estão ligadas à procura da Terra Sem Mal. Eles buscam a terra prometida (Yvi Mara Ey) neste mundo ou num paraíso mítico além da Terra. Para os índios Guarani de Bracuí, há três possibilidades para a identificação desse local: depois do mar, no céu ou no Paraguai (centro da terra).”*

O estudo da obra jesuítica sempre vai despertar polêmica, não são poucas as acusações que sofreram e também são inúmeras as manifestações de respeito e admiração pela obra sócio-político-religiosa realizada. Nessa direção

de raciocínio vamos citar Lugon que nos traz a opinião de alguns pensadores sobre o feito dos inacionos. No decorrer desse trabalho o leitor poderá ou não concordar com esses juízos:

*“É aí que a religião é amável e é, primeiramente, nos seus ministros que ela se faz amar. Nada iguala a pureza dos costumes. O zelo terno e suave, os cuidados paternais dos jesuítas do Paraguai. Cada pastor é verdadeiramente o pai, como guia de seus paroquianos. Não se sente a sua autoridade porque ele nada ordena, defende ou pune senão o que é punido, defendido e ordenado pela religião que eles reverenciam e adoram tanto como ele próprio.”* (Raynal)

*“É para ela (a Companhia de Jesus) um título de glória ter sido a primeira a mostrar nessas paragens a ideia de religião aliada a de humanidade; reparando as devastações dos espanhóis, começou a curar as maiores feridas que o gênero humano aí recebera.”* (Montesquieu)

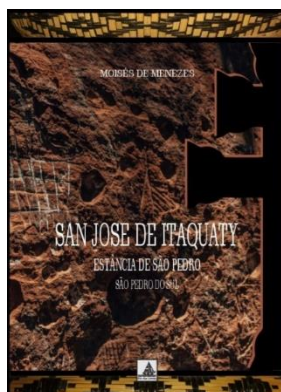
*“O estabelecimento do cristianismo no Paraguai, por iniciativa única dos jesuítas espanhóis, parece, em certos aspectos, o triunfo da humanidade.”* (Voltaire)

*“Nada acarretou para o cristianismo maior honra que o ter “moralizado” esses povos e estabelecido um Estado sem outra arama senão a virtude.”* (Buffon)

*“Soberanos nesse vasto país, tornam felizes, ao que se assevera, os povos que lhes obedecem e que eles lograram dominar sem o emprego da violência.”* (D’Alembert)

*“Jamais existiu uma comunidade mais inofensiva. As missões eram uma experiência em grande escala, baseada no mais puro espírito do cristianismo, com a finalidade de instruir e tornar úteis as povoações selvagens que, de outro modo, teriam sido exterminadas como, aliás, o foram, de forma tão miserável, o resto dos indígenas, tanto pela guerra como pela escravatura.”* (Sir Woodbine Parish)

Fazendo um longo e atento passeio pelo que se pode pesquisar sobre a história missioneira, Fases Missioneiras, San José de Itaquaty, Estância de São Pedro do Sul da Serra, Guerra Guaranítica, Conquista das Missões, pretendemos enfocar a origem missioneira de São Pedro do Sul, de forma a contribuir para que cada leitor construa a sua visão dessa origem que existe, que é muito real e da qual a cidade deve apropriar-se para a consolidação de sua identidade cultural e por consequência do patrimônio histórico, sociológico e cultural que isso representa.



*Livro de Moisés Silveira de Menezes resgata a face missioneira do município de São Pedro do Sul e de outros tantos municípios gaúchos que têm origem missioneira, muito antes de serem criados os Sete Povos das Missões.*

## QUINTILIANO JOSÉ DE MOURA – PRIMEIRO COMANDANTE DO CORPO POLICIAL

Daniel da Silva Adriano<sup>6</sup>

### Comandante do Corpo Policial

O Tenente-Coronel de Infantaria do Exército Imperial Quintiliano José de Moura foi o primeiro Comandante-Geral do Corpo Policial e o seu principal organizador. A nomeação do cargo aconteceu em 5 de maio de 1841 pela portaria do presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, Dr. Saturnino de Souza e Oliveira Coutinho.<sup>7</sup>

Mineiro nascido na Vila de Sabará, atual município de mesmo nome, localizado na região metropolitana de Belo Horizonte. Sua mãe chamava-se Maria Joaquina.<sup>8</sup>

### Carreira Musical

Os primeiros registros profissionais que encontramos de Quintiliano José de Moura dizem respeito a sua carreira musical. Vários são os estudiosos da música erudita que citam o seu nome, como Cleofe Mattos (2019), autora da biografia do Padre José Maurício, um antigo sacerdote da Capela Real da Fazenda Imperial de Santa Cruz. Ela afirma que foi Dom João VI quem nomeou Quintiliano, junto com Inácio Pereira da Silva, professor daquele templo religioso. Ambos já eram oficiais de milícias.<sup>9</sup>

Em 1810, o grupo musical do Padre Maurício funcionava regularmente como coro e orquestra com homens e mulheres, todos negros escravizados.<sup>10</sup> No mesmo ano, Quintiliano aparece como um dos subscritores da vida de Joseph Haydn (1732-1809) um conceituado doutor em música, considerado a incorporação do chamado “classicismo vienense”.<sup>11</sup>

---

<sup>6</sup> Tenente-Coronel Veterano da Brigada Militar, escritor, historiógrafo e pesquisador, integrante da Academia Brigadiana de Letras do RS.

<sup>7</sup> O Dr. Saturnino, comandante em chefe do Corpo Policial, foi advogado dos irmãos Bonifácio quando estes voltaram do exílio na França.

<sup>8</sup> CARVALHO, Emílio d’Artagnan (1952). *Sinopse dos Inventários e Testamentos da Provedoria de Porto Alegre/RS*. Livro 18 (1841-1844), p. p. 79 e 80.

<sup>9</sup> MATTOS, Cleofe Person de. *José Maurício Nunes Garcia – Biografia*. 2ª Edição, Rio de Janeiro, ABM, 2019. p.p. 86 e 252.

<sup>10</sup><https://saibahistoria.blogspot.com/2020/09/a-fazenda-real-de-santa-cruz-ou-fazenda.html>

<sup>11</sup> BRETON, Joaquim Le. *Notícia Histórica da Vida e das Obras de José Raydan*. Imprensa Régia, 1810, p.84.

No ano de 1814, Quintiliano chega a mestre da Banda e do Coro Real, segundo o Almanaque Imperial de Comércio das Corporações Cívicas e Militares do Império do Brasil (1823/1825).<sup>12</sup> Ele também era professor na Quinta da Boa Vista, o palácio da família real.<sup>13</sup>

Naquela época, conviveu com o cantor falsetista Joaquim José Mendanha (1799-1885), que viria a ser feito prisioneiro pelos farrapos durante a Batalha do Barro Vermelho, em 30 de abril de 1839, na Vila de Rio Pardo. No cárcere, Mendanha criou a melodia do futuro Hino Farroupilha.

### **Carreira Militar**

O registro mais antigo da carreira militar é de 3 de maio de 1819, quando foi nomeado, pela Secretaria do Estado de Negócios Estrangeiros e da Guerra, Capitão agregado e comandante de uma companhia do 4º Regimento de Caçadores, com sede na Corte.<sup>14</sup>

Apesar de fiel à monarquia, Quintiliano não deixou de seguir o Brigadeiro Francisco Joaquim Carretti, importante personagem militar na consolidação da Independência do Brasil, quando este enviou uma carta coletiva ao Príncipe Regente em 11 de março de 1821, intitulada “Protestos da Tropa”.

Na missiva, o alto comandante da Corte, queixou-se da forma que fora elaborada a reforma militar, sem a participação dos integrantes do alto comando. Era um rechaçamento das cortes portuguesas frente à atitude do Brigadeiro em liderar a revolta militar de 23 de fevereiro de 1821, à qual o povo aderiu, uma vez que apoiava a independência. Subscreveram a carta todos os oficiais comandantes de tropa que compunham a Guarnição da Corte de 1ª e 2ª linhas, além da Divisão Portuguesa. Entre eles estava o Capitão de Milícias do Exército do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, Quintiliano José de Moura.

### **Emissário de Dom Pedro I**

Em 1822, depois do “Dia do Fico”, de 9 de janeiro, Quintiliano recebeu uma importante missão do Defensor Perpétuo do Brasil.<sup>15</sup> Tratava-se de uma urgente carta régia de Dom Pedro I, lacrada com o selo real, colocada aos seus cuidados e destinada ao governo provisório de São Paulo. A mensagem foi entregue pelo emissário às 21 horas do dia

---

<sup>12</sup> CASTAGNA, Paulo. Gabriel Fernandes da Trindade: *Duetos Desconcertantes*. II Encontro de Musicologia Histórica. Juiz de Fora/MG. 1996. p. 2.

<sup>13</sup> MATTOS, Cleofe Person de. Op. Cit. p. 253.

<sup>14</sup> Gazeta Extraordinária do Rio de Janeiro, nº 2, de 06.05.1819, p. 1.

<sup>15</sup> Caderno de atas do Governo Provisório de São Paulo, 1821-1822. p.112.

17 de janeiro de 1822. Nela, o soberano exigia o envio de forças militares para proteger a corte. Disse o príncipe regente:

*"Acontecendo que a tropa de Portugal pegasse em armas, e igualmente a desta cidade, por mera desconfiança, dei todas as providências possíveis, e convencionaram os de Portugal passar para a outra banda do Rio, até embarcarem-se para Portugal; e, como por esta medida ficasse a cidade sem tropa necessária para sua guarnição, e mesmo sem com que se defender, no caso de ser atacada; exijo de vós, que sois seguramente amigo do Brasil, da ordem, da união de ambos os hemisférios e da tranqüilidade pública, me mandeis força armada em quantidade, que, não desfalcando a vossa província, ajude esta e se consiga o fim por mim e por vós tão desejado, e exijo com urgência. Escrita no Palácio da Real Quinta da Boa Vista, às 7 horas e meia da noite de 17 de janeiro de 1822. - Príncipe Regente".*<sup>16</sup>

Na mesma noite uma decisão foi tomada e registrada em ata:<sup>17</sup>

*85ª Sessão Extraordinária*

*1.º Leu-se, e aprovou-se a Acta da Sessão antecedente.*

*2º Tendo chegado hoje a esta cidade pelas nove horas da noite o Capitão de Milícias do Rio de Janeiro Quintiliano José de Moura: elle entregou ao Governo a Carta Régia de Sua Alteza Real o Sereníssimo Senhor Príncipe Regente deste Reino na qual exige que o Governo mande para a guarnição e defesa daquela Corte uma força Armada em quantidade que não desfalcando a Província ajude a do Rio de Janeiro.*

*3.º Em consequência deliberou o Governo que a presente Sessão fica permanente até se expedirem todas as Ordens necessárias para o prompto cumprimento do que Sua Alteza Real exige, e marchar a Tropa.*

*Palácio do Governo, 17 de janeiro de 1822. João Carlos Augusto de Oeynhausén, Presidente. Martim Francisco Ribeiro de Andrada, Secretário. Miguel José de Oliveira Pinto, Secretário.)"*

O povo de São Paulo mandou mil homens, aos quais, mais tarde, coube o título de "Leais Paulistanos". A missão de Quintiliano foi bem-sucedida.<sup>18</sup> Logo após essa missão, ele foi promovido a Sargento-mor (Major de Milícias), passando a servir no 4º Regimento de Infantaria de 2ª linha.<sup>19</sup>

Quintiliano poderia ser uma espécie de ajudante de ordens de Dom Pedro I ou até mesmo de José Bonifácio, pois a sua ligação com ambos era muito próxima, ficando evidenciada no episódio que envolveu o jornalista português Luís Augusto May, do jornal *A Malagueta*. Ele e alguns futuros barões, teriam, a mando do Patriarca da Independência, agredido o noticiário por conta da publicação contendo críticas ao nepotismo de José Bonifácio. Luiz Augusto apanhou de espada e teve

---

<sup>16</sup><https://sanguepalmeiro.blogspot.com/2011/06/o-coronel-joao-jose-palmeiro-x-maria.html>

<sup>17</sup> Correio Paulistano Ed. 122. 1954. Caderno Especial: O Movimento da Independência em São Paulo.

<sup>18</sup> TAUNAY, Afonso d'Escragnoille. *História de São Paulo*. Senado Federal. Brasília.2004. p. 217.

<sup>19</sup> Almanaque do Rio de Janeiro 1824, p.p. 325 e 348.

mutilado um dos dedos da mão. O fato lamentável ocorreu em 18 de novembro de 1822 e, apesar da repercussão negativa, nada foi provado, já que os autores estavam embuçados.<sup>20</sup>

### **Juiz de Paz**

A partir de 1823, Quintiliano já aparece prestando serviços no Rio Grande do Sul como comandante da milícia de Vacaria. A documentação disponível mostra que o seu nome surgiu para substituir o Capitão de Milícias Francisco Silva na titularidade da freguesia de São Francisco de Paula de Cima da Serra (atual Vacaria), em 8 de abril de 1823.

No entanto, a população local não aceitou o seu nome por dois motivos. Um era a distância da sua morada da localidade: 30 léguas (126 km). O outro era a possibilidade da influência da sua mulher nas decisões do comando.

Naquela ocasião, o Presidente Provincial acatou a voz do povo.<sup>21</sup> Mas no ano de 1830, ele surge como Sargento-mor Comandante dos Registros do Distrito de Santa Vitória, localizado na Vila de São Francisco de Cima Serra.<sup>22</sup>

O Arquivo Nacional reserva duas correspondências de Quintiliano, da época em que ele era Juiz de Paz daquela localidade. A primeira, de 22 de junho de 1830, solicitava ao delegado Inácio Manuel Velho alguns homens para a guarda de Santa Vitória. A outra, de 21 de novembro de 1833, com o mesmo endereçamento, requeria apoio à comunidade nos reparos da Igreja.

Em 24 de abril de 1835, recebeu o convite do Capitão comandante da Guarda Nacional José Luiz Teixeira para assumir a função de juiz de Paz do Passo de Pelotas. Ele atendeu ao convite, e a população o recebeu muito bem, com um contingente de 220 homens armados contra os farroupilhas. Assumiu a função em 20 de setembro de 1835.

### **Revolução Farroupilha**

Durante a Regência, as revoltas se espalharam pelo Brasil e, em 1836, Porto Alegre caiu nas mãos dos farroupilhas. O Capitão Tobias Becker (1864-1894)<sup>23</sup>, autor das crônicas da guerra civil, que relatam o avanço dos farrapos em solo catarinense, cita, no capítulo V de sua obra, a participação do Major Quintiliano na resistência contra os republicanos farroupilhas.<sup>24</sup>

A região serrana do Rio Grande do Sul, incluindo Lages (SC), era favorável à causa farroupilha. Enviado pela corte a Lages para impor a

---

<sup>20</sup> Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Brasil (1839-2021), p. 37.

<sup>21</sup> RIBEIRO, José Iran. *Quando o Serviço os Chamava - Milicianos e Guardas Nacionais no Rio Grande do Sul (1825-1845)*. Ed. UFSM. 2005, p.p. 120 a 126.

<sup>22</sup> AHRS - Polícia - Documentação Avulsa - Série Corpo Policial - Maços 133 a 144. Lata 114.

<sup>23</sup> Em 1894, Becker seria fuzilado por se declarar federalista.

<sup>24</sup> Revista Catarinense, 1914. Os Farrapos em Santa Catarina, p. 241.

legalidade em fevereiro de 1836, na condição de juiz de paz de Vacaria, Quintiliano foi rechaçado e teve que fugir para Laguna, pois 70 republicanos haviam invadido a sua casa na véspera do carnaval.<sup>25</sup>

Em 20 de abril de 1836 chegou a notícia da retomada do poder pelos lageanos legalistas e de que Quintiliano seguiria viagem à ilha do Desterro (atual Florianópolis), de onde seguiria para Porto Alegre. Sobre este episódio o autor escreve:

*“São Francisco de Cima da Serra, no Rio Grande do Sul, se achava em poder dos revolucionários, os quais na Vacaria também se achavam em grande maioria. Em fevereiro de 1836, véspera do carnaval, o Juiz de Paz dessa vila, Sargento-mor Quintiliano José de Moura, perseguido pelos republicanos, passou a vara ao Juiz de Paz suplente, fugindo para a Laguna.*

*No dia 20 de abril chegou à Lages a notícia de que a Vacaria havia sido restaurada pelos legalistas; e Quintiliano, que estava de viagem para o Desterro, seguia para a Vacaria, acompanhado pelo cidadão Laureano José Ramos, com dois filhos e um irmão, todos armados e municados, tendo-lhe precedido uma proclamação que ele enviava ao povo da Vacaria, da qual era portador Antônio Silveira dos Santos.*

*Ao chegar ao passo de Pelotas recebeu ele um ofício, com data de 24 desse mês, de José Luiz Teixeira, Capitão comandante da Guarda Nacional daquele distrito e chefe da reação, o qual convidava-o empossar-se do cargo de Juiz de Paz, o que ele fez, sendo recebido com o maior regozijo pelos habitantes daquela vila, que, em número de 200, tinham pegado em armas contra os revolucionários, então de posse daquele distrito, desde o dia 20 de Setembro de 1835.”*

## **Comandante dos Municipais Permanentes**

Mariante (1990), em seu livro "Sarilhos Milicianos", cita a participação de Quintiliano de Moura na Revolução Farroupilha, mais especificamente nas batalhas da capital, em que esteve no comando da Guarda dos Municipais Permanentes, tropa criada em 1831. O nosso ilustre historiador relembra um trecho da Ordem de Serviço de 1838, expedida pelo Capitão Patrício Corrêa da Câmara, então Ajudante de Ordens do Marechal de Campo Elzeário de Miranda e Brito:<sup>26</sup>

*“...a polícia de cidade (Porto Alegre) será guardada por alguma cavalaria sob comando do major Quintiliano...”*<sup>27</sup>

Em plena Revolução Farroupilha, no início do ano de 1840, Quintiliano é enviado à Corte pelo Barão de Taquari, o Tenente-General Manuel Jorge Rodrigues, Comandante-em-chefe do Exército sulino.<sup>28</sup> Na sua algibeira havia um minucioso plano de ação contra os rebeldes farrapos.

---

<sup>25</sup> República (SC) n° 452/1935, p.2.

<sup>26</sup> Em 1846, o Major Patrício Corrêa da Câmara, era o 2° vice-presidente da Província de São Pedro. Não o confundir com Patrício José Corrêa da Câmara (1744-1827), o 1° Visconde de Pelotas.

<sup>27</sup> MARIANTE, Hélio Moro. *Sarilhos Milicianos*, 1990, p. 93.

<sup>28</sup> Ele substituiu o Marechal de Campo Antônio Elzeário, fundador da Força Policial de 1837. Seu período de comando foi de 23 de maio de 1839 a 14 de julho de 1840.

A notícia de 12 de março de 1840 relata sua chegada no vapor Beleza do Sul à capital imperial, acompanhado do Sargento Francisco Antônio de Carvalho e de um camarada, titulação dos antigos ordenanças. O periódico já se dirigia a ele como Tenente-Coronel.

### **Comandante do Corpo Policial**

Apesar de ter sido criado em 18 de novembro de 1837, o presidente da província só baixou a ordem de organização do Corpo Policial em 25 de fevereiro de 1841. Quintiliano assumiu o comando com a missão de estruturá-lo, conforme regulamento emitido em 05 de maio de 1841.

Sua escolha seguia uma transição natural, pois já exercia a função de comandante da Guarda dos Municipais Permanentes de Porto Alegre, uma tropa paramilitar responsável pela segurança pública da capital.

Em 14 de junho de 1841, ele informa que o Corpo Policial está devidamente instalado. No dia 15 de julho, na capital, é restaurado o poder que estava na mão dos rebeldes, por isso Porto Alegre recebeu do império o título de “Mui Leal e Valorosa” pela resistência às invasões e aos cercos farrapos com o apoio do Corpo Policial.<sup>29</sup>

Em 27 de maio de 1842, conforme previam os artigos 1º e 2º do Decreto nº 260 de 1º de dezembro de 1841, o Ten Cel Quintiliano e outros oficiais cedidos do Exército à Província do Rio Grande do Sul passaram a integrar o quadro de Oficiais da chamada 3ª Classe do Estado-Maior.<sup>30</sup>

Naquela data, deixou o comando do Corpo Policial, assumindo no seu lugar o Tenente do Exército, comissionado no posto de Major do Corpo Policial, Joaquim da Silva Teles e Queiroz, oficial mais antigo da unidade.

### **Família**

Quintiliano foi casado três vezes, segundo os registros de testamentos de Porto Alegre. As primeiras núpcias foram com a Srª Maria Joaquina do Rosário, mas não tiveram filhos. Sebastiana Olinda Moura, foi sua segunda esposa, que trouxe para o matrimônio seus filhos naturais, mas não gerou descendentes com Quintiliano. A terceira esposa chamava-se Brígida Francisca dos Santos Moura, com quem também não teve filhos. Ela tinha uma filha chamada Maria Gertrudes, casada com o Major Antônio Barreto, moradores do Porto do Barreto, Praia Grande, Rio de Janeiro.

---

<sup>29</sup> Decreto Imperial nº 103, de 19.10.1841.

<sup>30</sup> Diário do Rio de Janeiro Ed. 142, 02/07/1842, p. 2.

Um outro Quintiliano José de Moura, de profissão criador de gado, aparece na lista da Guarda Nacional (1873-1874), empregado no 8º quartelão da cidade de Vacaria.<sup>31</sup> Este, em 1874, tinha 45 anos de idade.<sup>32</sup> Pode tratar-se de um filho ilegítimo ou apenas uma homenagem da família pela marcante presença naquele município, quando foi juiz de paz.

## **Legado**

Quintiliano faleceu em Porto Alegre, no dia 18 de dezembro de 1843.

O Tenente-Coronel Quintiliano José de Moura foi o pioneiro.

Depois dele, vieram outros que regaram a semente que tão bem plantou. Do Corpo Policial, nasceram as raízes da nova Força Policial e os galhos da Guarda Cívica, a primeira organização policial militar republicana, estruturas basilares que vicejaram a frondosa árvore chamada Brigada Militar.

---

<sup>31</sup> avacaria.bolgsport.com

<sup>32</sup> Casou-se com a Sr.<sup>a</sup> Antônia Maria Joaquina Ricardo Leite. Seus filhos eram João Ignácio e Maria.



## A LICENÇA DO IZALTINO<sup>33</sup>

*Alberto Rosa Rodrigues*<sup>34</sup>

Este caso eu já ouvi contar que também aconteceu noutra unidade. Mas este, eu juro que é verídico. Lamento apenas que os personagens todos já tenham morrido e as testemunhas, se encontrem em lugar incerto e ignorado.

Em 1943, na cidade de Rio Grande<sup>35</sup>, em plena vigência da II Guerra Mundial, enfrentávamos uma das mais rigorosas prontidões que se teve notícia. A cidade, à noite, ficava totalmente às escuras, era blecaute geral.<sup>36</sup> Rede de segurança em torno do quartel, reforço nas guardas externas. Enfim, todas as medidas preventivas que a situação requeria. Sair do quartel, sem permissão, nem em pensamento.

Era sargenteante da nossa Companhia, o sargento Rosalvo Cardoso. Ele era o tipo do homem que possuía um coração maior que o corpo. Parece que no dicionário que ele manuseava não existia a palavra “não”.

O Izaltino, nosso colega de turma, era um soldado fora do comum, porém, no sentido negativo. Ele nunca conseguiu saber em quantas partes se dividia o fuzil. Para marcar a cadência era outro sacrifício. O nosso instrutor de ordem unida ficou de cabelos brancos mais cedo, por causa do Izaltino. Era o verdadeiro *songamonga*<sup>37</sup> da turma.

---

<sup>33</sup> Do livro *Nos Tempos do Papo Roxo – casos e causos brigadianos*, editado em Pelotas, em 1986.

<sup>34</sup> Coronel da Brigada Militar, escritor, historiógrafo e pesquisador, nascido em Porto Alegre a 13 de setembro de 1924 e falecido em Pelotas a 28 de março de 2024.

<sup>35</sup> Cidade do extremo-sul do Rio Grande do Sul.

<sup>36</sup> Devido, especialmente, ao grande porto marítimo de que é dotada a cidade, o qual constitui uma instalação estratégica para a economia do Estado.

<sup>37</sup> Pessoa de raciocínio lento, sonsa, disfarçada.

Pois bem, já estávamos enfurnados no quartel há mais ou menos dezoito dias quando o Izaltino veio se chegando de mansinho e com aquela cara de sonso que a natureza lhe concedeu, dirigiu-se ao sargento Rosalvo e, quase num sussurro, falou:

– Sargento o senhor me dá licença pra ir dar uma chegadinha em casa?

E o Rosalvo, com aquele ar de bondade, que era quase uma ingenuidade, disse:

– Vai, meu filho! E o Izaltino foi. Passaram-se quase cinco dias e nada do Izaltino aparecer.

O pobre do sargento, já em desespero, resolveu comunicar o fato ao Comandante da Companhia, capitão Othon Spencer Cesar. E o capitão não teve dúvidas, mandou que o Rosalvo entrasse com a parte de ausência e, posteriormente, com a de deserção.

Estava o assunto nesse pé, um verdadeiro burburinho, quando, na tarde do dia seguinte, sorridente e feliz da vida, aparece o Izaltino e, o sargento Rosalvo, meio que perdendo a calma, foi logo perguntando:

– Escuta aqui, rapaz, isto é coisa que se faça? Tu me pedes para ir em casa e só agora que tu me dás o ar da graça?

– Mas sargento, eu pedi para ir em casa e fui mesmo!

– Mas onde é a tua casa?

– Ali em SANTA VITÓRIA!<sup>38</sup>

---

<sup>38</sup> Refere-se a Santa Vitória do Palmar, cidade localizada a mais de duzentos quilômetros da sede da unidade.

## AS BETS NO BRASIL

### A JOGATINA COMO VALOR, NUM PAÍS MERCADO PELO DESVALOR.

*Pércio Brasil Álvares*<sup>39</sup>

Surpreendente foi, há alguns dias atrás, ver o senador Omar Aziz fazendo um drama apocalíptico em torno da liberação das chamadas BETs no Brasil, porque, afinal, essa matéria foi tratada, discutida e aprovada pelo parlamento brasileiro. Sua justificativa, que não justifica muita coisa, era de que ele (o senador) havia votado a favor da jogatina, mas que ela deveria entrar em prática somente após ser devidamente regulamentada, o que colocaria o Poder Legislativo ao abrigo de qualquer responsabilidade na empreitada, já que essa regulamentação caberia, em princípio, ao Poder Executivo.

Mas, afinal, o que são essas BETS? São, em outras palavras, JOGOS DE AZAR. Só que o grande diferencial *modernizador* da ideia é que as apostas são feitas *on line*, em *sites* de jogos ou em aplicativos eletrônicos, e consistem no mais amplo exercício de *palpites* pessoais a respeito dos mais imponderáveis fatos que se podem suceder durante uma partida esportiva (notadamente de futebol, a grande *paixão* nacional!), que viram apostas em dinheiro. Uma grande e instrutiva atividade de aprendizado e crescimento cultural como se pode ver!

Por sua vez, a definição clássica de JOGO DE AZAR é aquela que entende como tal o jogo em que o resultado depende exclusivamente do aleatório, ou seja do que é imprevisível, não envolvendo, portanto, qualquer *habilidade* do jogador ou jogadores envolvidos na disputa, para a produção do resultado do jogo, sobre o qual os apostadores arriscam seu dinheiro.

Esses jogos ditos DE AZAR, tradicionalmente foram proibidos, por lei, no Brasil, o que nos parece ter sido uma medida governamental de BOM SENSO, num passado que não é assim tão distante, porque, mesmo que a um primeiro momento não pareça, essa questão pode trazer sérios problemas para a saúde pública do nosso país, já que tais jogos geram dependência às pessoas que facilmente se entregam a essa prática viciosa.

Entretanto, prevaleceu, em nosso país, o ideário de que isso é uma coisa de nações *modernizadas* – sem esquecer que também é algo do interesse de grandes grupos econômicos estrangeiros – fazendo com que o parlamento brasileiro regulamentasse a prática de tais jogos por meio da Lei nº 14.790, de 2023, que criou a modalidade lotérica denominada *aposta de quota fixa*, para viabilizar a jogatina *on line* sobre esportes no país, o que, entretanto, há muito já chegara ao Brasil, por meio da *Internet*, que proporcionava a oferta de jogos dessa natureza, lícitos em outros países, mas não regulamentados no nosso país, provocando a primeira onda de problemas por aqui.

---

<sup>39</sup> Major Veterano da Brigada Militar do RS, poeta, escritor, historiógrafo e pesquisador, membro da Academia Brigadiana de Letras (ABRIL-RS).

Sempre coube uma questão: quem vai pagar a conta pelo abalo da saúde pública brasileira? Pois a jogatina tem um custo social e cabe ao Estado ser o primeiro a vislumbrá-lo.

O panorama geral da questão mostra que não houve preocupação alguma com isso e somente depois do início da atual crise gerada em torno do assunto é que o governo, preocupado com a imagem do Bolsa Família, está pensando em taxar as apostas da jogatina para financiar programas de atendimento à saúde mental.

Ou seja, a coisa está assim: além dos recursos financeiros da jogatina estarem saindo do país para engordar o capital privado internacional, ainda resta, para nós, os cidadãos, pagar a conta da saúde mental dos jogadores compulsivos gerados por essa prática promotora de *demência on line*, que são as tais de BETs.

Pois bem, o Banco Central do Brasil, a pedido do senador Aziz, manifestou-se sobre os recursos originários do Bolsa Família que teriam sido aplicados em apostas nas BETs emitindo uma nota técnica com informações a respeito do ocorrido. O informe não foi muito convincente porque os números não fechavam e, no final das contas, verificava-se um volume de recursos maior do que seria possível no montante pago pelo Bolsa Família, o que termina por sugerir que, se isso ocorre, há alguma fraude sendo praticada. A seguir, o BC se retratou acerca do estudo apresentado, admitindo que havia falhas, o que terminou por aumentar a crise de informações transparentes em torno do assunto.

Alguns especialistas manifestaram e confirmam a possibilidade de fraude, o que pegou muito mal no âmbito do parlamento levando à criação de uma CPI no Congresso Nacional, além de manifestações no sentido de que todas as atividades das BETs devam ser suspensas, até que o governo regulamente de forma adequada a matéria. A imagem do Bolsa Família já está arranhada no que tange à credibilidade do programa. O volume de dinheiro envolvido na operação com BETs não é pequeno, ultrapassando a cifra de R\$ 20 bi mensais. Além de tudo, o Estadão divulgou uma pesquisa revelando que 86% dos apostadores estão endividados e 64% estão negativados na SERASA.

O governo já anunciou, também, que vai bloquear o cartão do Bolsa Família para o pagamento de BETs, o que chega a parecer uma medida insólita, pois equivale à admissão de que nem a gestão do programa imaginava que a farra com o dinheiro público pudesse ser tão grande.

# Poesia



## **VORAGEM<sup>40</sup>**

*Joaquim Moncks<sup>41</sup>*

O poema não subsiste sem aceitação:  
emoções lidas, tidas, havidas.  
Fagulha ardente do viver,  
vale o lume na comoção do Outro.

Quotidiano em implacável vórtice  
escava-se a finitude rumo ao Absoluto.

## **O ESTADO DE POESIA<sup>42</sup>**

*Joaquim Moncks*

Força motriz candente de vida, gestada pelo emocional.  
Corpo vital psíquico-energético capaz de inspirar, conter,  
emitir ou suscitar o poema.

Mas, meu bom Deus, como é difícil encontrar a exata  
proposição que possa passar essa força a mim.

Vivo na crença de que a confraternidade é o caminho para a  
possível felicidade, até mesmo nos egoísticos domínios do  
Ego.

---

<sup>40</sup> Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.

<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=6629279>

<sup>41</sup> Joaquim Moncks é Ten Cel RRBM. Advogado. Na Academia de Polícia Militar, foi professor de Criminologia, Ciência e Direito Penitenciário, Direito Processual Penal Militar e Segurança Empresarial. Ativista Cultural. Poeta. Declamador. Conferencista. Ensaísta. Analista literário. Jurado em certames de poesia e música. Membro titular da Academia Rio-Grandense de Letras e da Academia Brigadiana de Letras, ambas sediadas em Porto Alegre/RS.

<sup>42</sup> Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.

<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=8112971>

## A EXISTÊNCIA POSSÍVEL<sup>43</sup>

*Joaquim Moncks*

Exaspero-me à busca do pomar de desejos  
ousado intruso afogado de luzes  
velada foz de plasma fugidio.

A um novo tempo cavalgo rastilhos,  
anônimo pirilampo, centelha-círio sagrado  
de permeio à motivação em quotidiano surto,  
Signos, palavras, tudo levado ao ápice.

Muito além dos teclados cíclicos  
luzem estrelas na palma das mãos  
arrepiam-se os pelos, dedos hirtos  
alumiam-se nascituros neurônios.  
Transbordam espectros virtuais.

Passados vinte e um céus seculares  
ainda se voeja à cata do centauro  
Pégasus azula resilientes palavras  
à margem do rio da pós-modernidade.

Agudo é o fôlego da novel geração  
a emoção assunta o inocente portal:  
crianças assumem a tessitura das invernias  
enquanto bordam o tapete do espaçoporto.

Vaga-lumes cavalgam o rastilho de Babel.

---

<sup>43</sup> Do livro inédito *Conversa de Hospício*, 2024.  
<https://www.recantodasletras.com.br/escrivantina/publicacoes/preview.php?id=3898370>

## ENQUANTO O CORPO VIDA FINGE AO MUNDO<sup>44</sup>

Sérgio Flores de Campos<sup>45</sup>

À esperança não há espaço,  
deixai-a aqui logo na entrada;  
A lá Procusto, talho e berço,  
a poesia fenece violada  
e pendula, ante atro fosso,  
a metáfora esquartejada.

Neste solo bárbaro e morto,  
de *Moloc* que a alma consome,  
o servo imita o porco  
louvando o mais infame  
e espera, fraco e torto,  
que o dono assim o ame.

Eis o mundo soberano  
em decadente Estado  
que se diz republicano,  
ah, falso e torpe califado;  
Império grego ou romano,  
não fosse tão descarado.

Veja o poeta estarecido  
por tamanha atrocidade;  
Traidor, assim foi chamado  
quando expressou a Verdade  
num verso reto, incontido,  
ao falar de liberdade.

Cometeu doloso soneto  
do tipo petrarquiano,  
maléfico tal cianeto,  
ofendeu o palaciano  
e seu verso indiscreto  
atiçou inculto tirano.

---

<sup>44</sup> Poema premiado com o 1º lugar no concurso de poesias da Casa do Poeta de São Pedro do Sul, 2023. Publicado na antologia *In Versus Veritas*, CAPOSP, 2023

<sup>45</sup> Coronel Veterano da Brigada Militar, poeta e escritor, membro da Academia Brigadiana de Letras (ABRIL) e da Academia de Letras da Região Central do RS (ALERC-RS).

O Conselho foi instalado  
por cerimônia sem fim,  
e o tolo iluminado  
de túnica negra-carmim  
se enternece bajulado  
pelo amém dito em latim.

Pavonice, penteado,  
riso, sacudir de panças,  
rímel bem aplicado,  
careca luzente, carrancas,  
espartilhos, nós apertados  
e cetim cobrindo as pelancas.

Infiltrados nas livrarias  
agentes, por devoção,  
trazem quinquilharias  
em resposta à convocação  
e, com pirotecnia,  
testemunham na sessão.

Inveja, ressentimentos,  
mimimi, coisa e tal,  
seguem lei, regulamentos  
em cinismo marmoreal  
e ornejam qual jumentos  
sob ordem regimental:

- É permitida ciranda,  
*curtura*, festival,  
banquete em áurea vianda,  
rima pobre trivial,  
solipsismo, propaganda,  
mas que seja libidinal.

- Tragam dossiês forjados,  
obras que o condenem,  
precisamos de culpados,  
seja prova que tiverem  
e os comparsas aliados:  
Virgílio e o tal Alighieri.

Do agudo estridor de estolho,  
o despacho débil não tarda;  
é lira ao mundo caolho  
da figura assinalada  
na essência, odor e barulho,  
de gasosa feijoada.

- Oremos em culto profano  
que condena o Universal.  
vale a vontade sacana,  
em registro cartorial,  
desta crença mundana  
de engenharia social.

Razão invertebrada,  
engodo verbal,  
verdade resvalada  
na censura infernal  
e sentença celebrada  
com o próprio genital.

Será tiro, veneno ou corda?  
qual a justa punição?  
cela, lança, faca torta,  
perda de reputação?  
- Que seja a alma morta,  
esta será a sanção.

O algoz, esperto açougueiro,  
canta o rito em elegia;  
Um golpe, o mais traiçoeiro,  
sacrifício é, sim, liturgia:  
- Não poupem o prisioneiro  
e siga a nossa orgia;

Publiquem mais um decreto,  
aumentem a castração;  
O intento não é secreto  
vivemos em redenção,  
nada mais livre e honesto  
do que a falta de oposição.

Antes do show contratado,  
findo o ato salutar,  
ainda quente o sacrificado,  
todos de pé hão de cantar  
o hino, mais que sagrado,  
da República Popular.

O farol resta apagado,  
eis tenebrosa evidência:  
o excelso foi profanado  
e a boquiaberta consciência  
assiste o céu à lama lançado  
a contentar Sua Excelência.

Sobre imagens fraturadas,  
comemora o reino encantado.  
restam almas ressequidas  
e um neurótico enfeitiçado  
que, descalço, deixa pegadas  
no chão de vidro quebrado.

Por fim, o Narciso do Estige  
extasiado por tanto matar,  
preso ao corpo que vida finge,  
serpenteia e volta ao lugar  
no inferno, que o rubro tinge,  
onde queima o versejar.

## O MEDO QUE ENGOLE A PAZ<sup>46</sup>

*Paulo de Freitas Mendonça<sup>47</sup>*

O medo crava seus dentes  
na alma da insegurança  
transforma uma flor em lança  
põe garra em mãos inocentes.  
O medo destrói viventes,  
É treva que mata a luz.  
Pesadelo que produz  
Só a coragem desfaz.  
*O medo que engole a paz,  
Prega o vivente na cruz.*

O medo estraga prazer,  
põe em seu lugar a dor,  
insinua que o temor  
é irmão do precaver.  
Ao temeroso faz crer  
que desistir lhe faz jus,  
Simula constante truz,  
torna o poder incapaz.  
*O medo que engole a paz,  
prega o vivente na cruz.*

---

<sup>46</sup> Do livro *Pajador e Decimista; poemas em décima espinela*. Editado em Porto Alegre, em 2019.

<sup>47</sup> Poeta, pajador, compositor, jornalista, radialista, palestrante, declamador, apresentador, roteirista, produtor e estudioso da cultura latino-americana. Membro da Academia Brigadiana de Letras do RS.

O medo em gente se oculta,  
mostra a face sem mostrar  
e ocupa qualquer lugar  
se a coragem não se avulta.  
Nem a ciência ausculta  
de onde se reproduz.  
Por viver na contraluz  
é na mente que ele jaz.  
*O medo que engole a paz,  
Prega o vivente na cruz.*

O medo é maula<sup>48</sup> sem forma,  
que na verdade inexistente  
produto da mente triste,  
que por temor se conforma.  
É visão que se deforma,  
venda, algema, capuz...  
A ele sempre me opus,  
porque seu não é voraz.  
*O medo engole a paz,  
prega o vivente na cruz.*

---

<sup>48</sup> Esse termo, no linguajar do gaúcho, é empregado como um adjetivo de sentido pejorativo, significando velhaco, trapaceiro, enganador.

## PIXELS DA SOLIDÃO<sup>49</sup>

*Divino Alves de Oliveira<sup>50</sup>*

Fugindo do meu vazio  
busco quem sou.  
Crio mil e um avatares  
Sou vários, mas nenhum.

Uma angústia a cada máscara.  
A solidão se amplia,  
num novo vazio.  
Permaneço só  
numa multidão de janelas.

Em cada avatar  
um novo cárcere.  
Liberdade se esvai,  
fluida em algoritmos.

Reflexo disforme em led,  
pixels, pulverizados em perfis.  
Representações reduzidas,  
rascunhos rasos do que sou.

Sou isso?  
Identidade líquida,  
sequência binária de 0 e 1?  
É melhor desplugar  
e voltar ao vazio de outrora.

---

<sup>49</sup> Publicado no blog <https://aglmauroborges.blogspot.com/2024/09/pixels-da-solidao.htm>

<sup>50</sup> Coronel Veterano da Polícia Militar de Goiás, poeta, membro da Academia de Letras, Ciências e Cultura dos Militares de Goiás – Coronel Mauro Borges Teixeira; fundador da Cadeira nº 20.

## ENQUANTO A CHUVA NÃO VEM...<sup>51</sup>

*João de Deus Vieira Alves*<sup>52</sup>

Enquanto a chuva não vem...  
Mateio solito ensimesmado de penas.  
O balé das pitangueiras contraponteia  
aos pipilos das aves inquietas.  
Sorvo as horas lentamente, na seiva rude das esperas.

Enquanto a chuva não vem...  
O balido das ovelhas,  
os latidos do pastoreio, emolduram a tarde.  
As folhas secas redemoinham  
e as salamandras dançam despudoradas e amorfas.

Enquanto a chuva não vem...  
Greta a terra ávida, sedenta.  
A cor da palha guarda resquícios de verdor.  
O cincerro das tambeiras, nostálgico.  
O grito dos tarrãs, o tuco-tuco, sincopático,  
transmutam o som dos corredores.

Enquanto a chuva não vem...  
A taramela ruiu junto ao portão  
batido na revolta adolescente.  
Espero a volta um dia para o abraço final,  
pois o adeus definitivo ainda espera na esquina.  
Sonhos almejados, quebrados pelos planos desfeitos.

---

<sup>51</sup> Do e-book *Quase Poesias*, editado em Porto Alegre, em 2019.

<sup>52</sup> 1º Tenente da Brigada Militar, poeta e tradicionalista, radicado em Eldorado do Sul. Nasceu em São Gabriel a 10 de outubro de 1962, faleceu em Porto Alegre a 14 de julho de 2022. Integrou a Academia Brigadiana de Letras.

Enquanto a chuva não vem...  
Teus olhos mansos esfumam-se na dadivosa bonomia,  
preparando o material escolar, cerzindo o uniforme puído.  
No canto da pasta, pedaço de bolo de milho e o suco ralo.

Enquanto a chuva não vem...  
O sinal da cruz na testa e o mistério das estrelas.  
Ensinando a pescar e dizendo que não há medo,  
pois é só o minuano uivando e tudo estará bem  
no dia novo que se avizinha.

Enquanto a chuva não vem...  
O mormaço multiplica os trilhos.  
A roupa larga e os sapatos velhos.  
A trouxa de roupas no banco de madeira.  
O apito silva nos ouvidos, sofrenação no peito, e o Adeus...

## FALANDO COM AS FOTOGRAFIAS<sup>53</sup>

*Armando Pereira Mendonça<sup>54</sup>*

Assim tenho passado muito dias  
Sinto saudades boas alegrias,  
Encho os olhos com as fotografias  
Multiplicou-se nossa família.

Vivo Estou grato. Tenho alegrias  
Amo. São meus amores, estrela-guia!  
Sinto saudades, que bom, todos os dias!  
“Minha mãe”. Minha família em harmonia.

Assim eu passo e faço alegria  
Mesmo com saudade todos os dias  
Encho os olhos com as fotografias  
É divino poder ver com sabedoria.

E vou passando e vendo a estrela-guia  
Que Deus me deu bela família  
Recordo e amo com alegria  
Ainda bem: tenho esta dádiva que me guia.

Vamos em frente nesta franquia  
Tocando a vida com alegria  
Que Deus nos dê sabedoria  
De amar e recordar nas fotografias.

---

<sup>53</sup> Do livro *Cantos de Amores e Saudades*, editora Pallotti, Santa Maria, 2017.

<sup>54</sup> Capitão da Brigada Militar do RS, natural de São Pedro do Sul, nascido a 29.6.1936, falecido a 8.6.2017, integrou a Academia Brigadiana de Letras (ABRIL), onde foi homenageado com o patronato da Cadeira n° 32.

## **CORAÇÃO RENDADO<sup>55</sup>**

**Lucelita Maria<sup>56</sup>**

Meu coração, pobre coração!  
Um arremedo de artesanato.  
Amarelecidas, fibras de algodão.  
Herança de um passado pacato.

Há anos enrola o mesmo fio  
Sem de nada ter a certeza.  
Qual barquinho solto no rio  
Que desconhece a correnteza.

A produção desse viver sem viver?  
Uma exposição de trabalho manual.  
Um feio e inacabado coração rendado.

Eu! Pobre rendeira que faço por fazer.  
Poemas, com alfinetes presos ao mural.  
Com a ponta de um fio roto, emaranhado!

---

<sup>55</sup> Do livro *Carretel de Rosas*, editora Kelps, 2012.

<sup>56</sup> Tenente-Coronel Veterana do Corpo de Bombeiros Militar do Estado do Tocantins, poetisa e romancista, natural de Turvânia-GO, pertence à Academia de Letras Ciências e Artes dos Militares do Tocantins (ALCAM-TO), à Academia de Letras dos Militares Estaduais do Brasil (ALMEBRAS), à Academia Palmense de Letras, à Academia de Letras de Araguaína e à União Brasileira de Escritores.

## **ECO FARROUPILHA<sup>57</sup>**

*Adão Celir Garcia da Mota<sup>58</sup>*

Província, pampa, Rio Grande.  
Sesmaria; donatários;  
Jesuítas, índicos, corsários;  
Imigrantes e pelo-duro.  
Na instituição de futuro  
Delinearam teu traçado  
Por conseguinte legado  
De herança para os outros.  
E até com pegar de potros,  
Meu pago... foste formado.

Rudes raízes pampeanas!...  
Rude... porém fraternas.  
Não morre, somente hiberna.  
Pra rebrotar mais robusta,  
Tudo no mundo nos custa  
Mais caro ou mais barato,  
Porém, ao custo sensato  
Iremos mantendo as trilhas  
Traçadas por farroupilhas,  
Chimangos e maragatos.  
No contexto universal

---

<sup>57</sup> Do livro *Integração e Fé na Chama da Tradição*, editora Martins Livreiro, 2018.

<sup>58</sup> Major Veterano da Brigada Militar do RS, poeta, tradicionalista, pertence à Academia Brigadiana de Letras (ABRIL) e à Academia Literária do Vale do Rio dos Sinos (ALVALES).

Nós somos parte da história.  
Trabalho, insucesso ou glória.  
Nos dão orgulho à existência.  
Bagagem de competência  
Pra induzir inspirações,  
Ao Brasil e outras nações  
A clarear um novo dia.  
Consciência de ecologia  
Nos brota dos corações.

Tradição e ecologia,  
Movimentos paralelos;  
Tudo que temos de belo  
Com eles não terão fim  
O banhadal do Taim,  
Espécies raras e natas;  
Lagoas, rios e cascatas;  
Rodeios, danças e galpões...  
Exalam pelos rincões  
Cheiro de vida sensata.

Eis o gaúcho buenacho,  
Um pioneiro no mundo.  
Sarilho, que em poço fundo  
Leva o balde às profundezas  
Para buscar com certeza,  
Água pura e cristalina.  
E ao brilho da Luz Divina  
Fal clarear aos mandatários  
A inspirar-se os templários  
Da Serra, campo e colina.

Terceiro mundo levanta  
Se bem que meio forçado,  
Porém, reage empolgado.  
Nova ordem no universo.  
Por não estarmos dispersos,  
Mantém-se a sustentação.  
Em jogo pra campeão  
Erguemos nosso caneco  
Mostrando ao mundo na “ECO”  
O Conesul em união.

Com o lufar do Minuano  
Nossa voz\ chegou ao rio,  
Levou o “eco” bravio  
Dos centauros farroupilhas,  
Com ar puro das coxilhas  
Aguçou muitas consciências.  
Quanto poluem as potências?  
Tirando ozônio dos céus  
E nós no banco dos réus,  
Condenados sem clemência.

Verdade... até, merecemos! ...  
Não somos tão inocentes.  
Há irmãos inconsequentes,  
Por vaidade ou sem capricho,  
Que atiram ao vizinho o lixo  
Impondo-lhes dissabores.  
Assim, os grandes senhores  
Nos vão taxando de imundos  
Enquanto poluem o mundo  
Pintados de benfeitores.

Que o sábio pai celestial,  
Mesmo por caminho torto,  
Conduza a seguro porto  
E a mansos mares carregue,  
Que não derive e navegue  
Não importa o comandante.  
Que leve a mares distantes  
A nau que hoje aparece.  
A nós, gaúchos, envaidece  
Ser sinuelos pra gigantes.

Concílio, encontro, tratados,  
Seção, conclave ou rodeio;  
Pra tudo se acha um meio  
Se abre, ou fecha a cancela  
E o encontro de Canela,  
Acolhendo presidentes  
Mostrou que estamos conscientes,  
Banindo algozes e brutos.  
No mundo só colhem frutos  
Quem não polui... as sementes.



# *Notícias*



## **EMPOSSADA NOVA DIRETORIA E CONSELHOS DA ACADEMIA DE LETRAS DOS MILITARES ESTADUAIS E DISTRITAIS DO BRASIL - ALMEBRAS**



Ao centro os Coronéis Carlos Furtado e Ubirajara Anchieta, respectivamente presidentes empossado e transmitente, na posse da Diretoria e Conselhos da ALMEBRAS, em Brasília, acompanhados dos presidentes de sodalícios estaduais presentes à solenidade.

Na noite do dia 17 de outubro do corrente ano, na sede do Clube dos Oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal, foi realizada a solenidade de transmissão de Diretoria e Conselhos da Academia de Letras dos Militares Estaduais e Distritais do Brasil – ALMEBRAS, que contou com as presenças, além do presidente eleito, Coronel Veterano da PMMA Carlos Furtado, Presidente da AMCLAM-MA e do presidente transmitente do cargo, Coronel Veterano da BMRS Ubirajara Anchieta, integrante da ABRIL-RS, os seguintes presidentes de sodalícios estaduais: Coronel PMTO Albuquerque (ALCAM-TO), Coronel PMSC Schaufert (ALMESC), Coronel PMRN Ângelo (APHICUM-RN), Coronel CBMPB Rufino (ALMEP), Coronel PMGO Lemos (AGLMB-GO).

A nova diretoria da ALMEBRAS foi eleita na Assembleia Geral virtual da entidade, realizada no dia 10 de setembro de

2024, tendo por presidente o Coronel Veterano PMMA Carlos Furtado, presidente da Academia Maranhense de Ciências, Letras e Artes Militares – AMCLAM e por vice-presidente o Coronel Veterano CBMPB Walber Rufino, presidente da Academia de Letras dos Militares Estaduais da Paraíba - ALMEP.

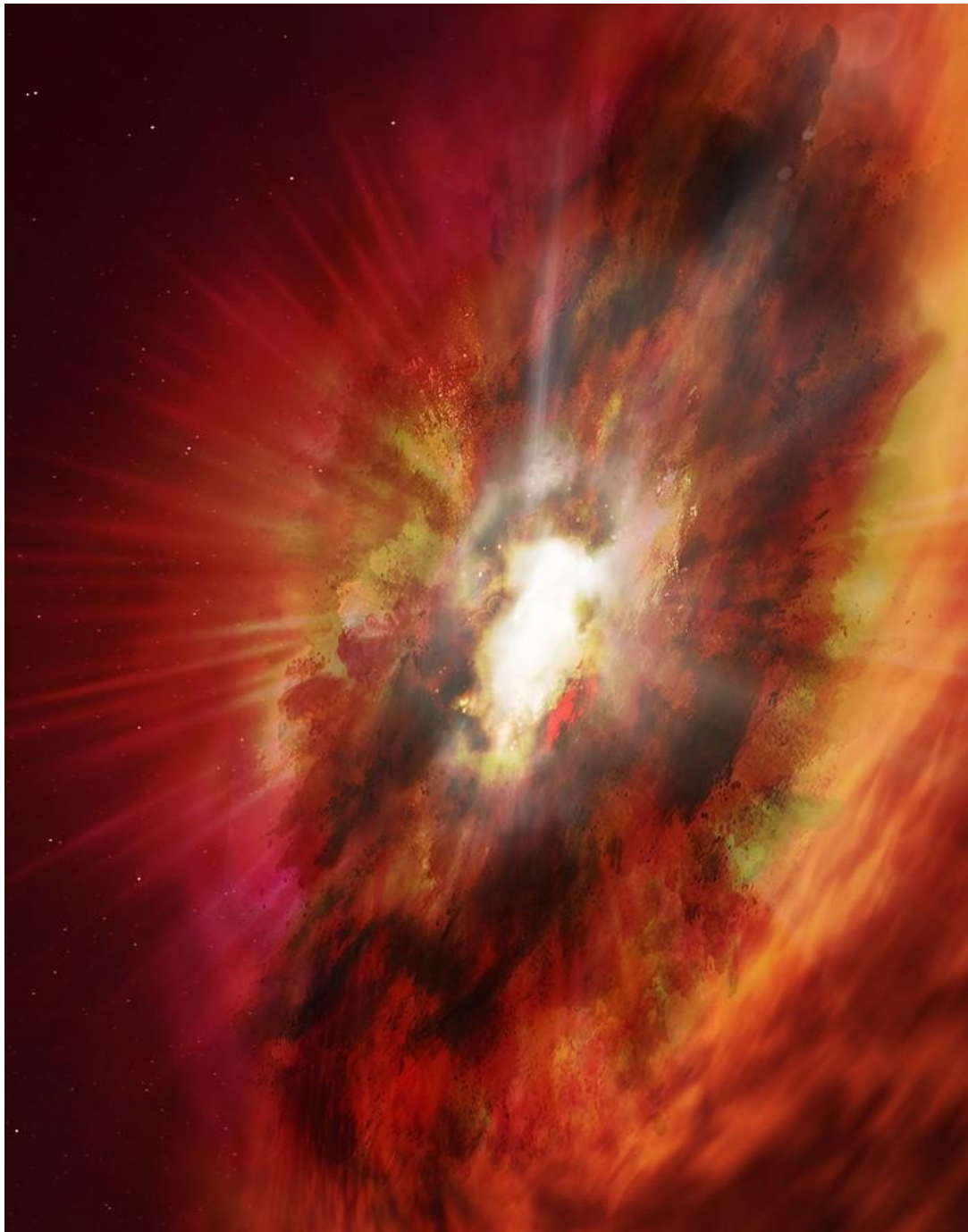
Após a solenidade de posse, os convidados foram brindados com um descontraído jantar festivo realizado nas dependências do próprio Clube dos Oficiais da PMDF, localizado no Lago Sul, em Brasília.



**A L M E B R A S**

**FUNDADA EM 10 DE OUTUBRO DE 2018**





# **Pindorama**

REVISTA BRASILEIRA DE LITERATURA  
UMA PUBLICAÇÃO DA ACADEMIA BRIGADIANA DE LETRAS DO RS